

VIDA CULTURAL

REAL ACADEMIA DE ITÁLIA

Reunião — A Real Academia de Itália efectuou os trabalhos previstos para o período de Janeiro. Na reunião dos académicos da Classe de ciências morais e históricas, o vice-presidente Alberto De Stefani, fez interessantes comunicações sobre o desenvolvimento do programa de estudos da unidade mediterrânea, dos quais se ocupa a classe. Em seguida, Ugo Papi comemorou o Agregado Francesco Coletti, falecido recentemente. Sucessivamente Manfredi Porena fez uma comunicação sobre as iniciativas tomadas pelo novo «Centro Nacional de estudos leopardianos em Recanati».

Na reunião da Classe das ciências físicas, o vice-presidente Giancarlo Vallauri comunicou que a proposta relativa ao censimento dos estudiosos no campo das ciências físicas, químicas e biológicas, foi aprovada pelo Ministro da Educação Nacional.

Na seguinte reunião pública da classe de ciências físicas, Silvestro Baglioni falou sobre «A obra científica de Adolfo Montuori no campo da Fisiologia, desde 1869 a 1918».

A Classe de letras, sobre a presidência da Carlo Formichi, debateu as várias questões pertencentes à defesa da italianidade da língua.

O presidente, Luigi Federzoni, ilustrou o programa do importante e delicado estudo confiado à comissão, declarando-se certo que o problema das eliminações racionais dos barbarismos, enraizados no nosso idioma, poderá ser feliz e rapidamente resolvido, com quanto que se siga no trabalho uma directiva que encare a defesa da pureza da língua, mas que, ao mesmo tempo, tenha em conta os critérios fundamentais da prática exactidão e do bom gosto.

No fim do breve discurso, Luigi Federzoni nomeou presidente da comissão Carlo Formichi, vice-presidente da classe de letras. A comissão, iniciando logo os próprios trabalhos, traçou o quadro orgânico do exame a cumprir, o qual, primeiramente, se referirá à proibição do uso de palavras estrangeiras nas inscrições das sociedades e nas várias formas de publicidade.

Os relêvos dos monumentos de Itália — A classe das Artes pu-

blica periodicamente desde o fim do ano de 1934, para os modelos do Instituto Poligráfico do Estado, uma colecção de cópias dos Monumentos architectónicos italianos.

A redacção da obra é confiada a uma Comissão, presidida pelo Académico Marcello Piacentini.

A publicação é dedicada aos architectos militantes e aos estudiosos de história e de arte e tem em vista vários fins: em assuntos históricos, constituir um verdadeiro arquivo de testemunho autêntico da vida mural, produzida pelos séculos e pelos acontecimentos, que a ela se ligam; no que respeita à architectura, fornecer os dados experimentais sobre dimensões, caracteres técnicos e morfológicos dos monumentos e sobre a função que nêles exerce o elemento ornamental. Estas duas finalidades associam-se em uma única de ordem superior que corresponde à necessidade de conhecer as manifestações concretas da arte e da civilização e de trazer de tal conhecimento, seguro e preciso, normas e leis que sirvam de ajuda para afrontar os grandes temas que se apresentam nesta altura com ferverosa actividade edificadora.

«Corpus Philosophorum Medii Aevi» — Segundo as deliberações tomadas na última sessão internacional, a Livraria do Estado italiano, editora de «Corpus», deveria passar às terceiras provas

da edição de «De Mundo» pseudo-aristotélico, da autoria de W. L. Lorimer, professor na Universidade de St. Andrews. A rotura das relações e das comunicações com a Gran Bretanha impediram a sua impressão.

Não se pôde, por outras razões, também derivadas da guerra, iniciar a impressão do segundo volume do Catálogo de Manuscritos latinos de Aristóteles. Mas o professor Birkenmajer foi pôsto em liberdade pelas autoridades alemãs em 23 de Outubro, precisamente para terminar a redacção do texto por êle começado: que enfim sejamos assim em bom caminho. Resta somente recuperar a descrição dos códigos espanhóis e portugueses, que, pelo secretário da Comissão internacional, o nosso Ezio Franceschini, tinha sido confiada, para revisão, ao Padre Dondaine, que foi chamado às armas em França, e do qual a Ordem Dominicana, a que pertence, não tem notícias.

Obras inéditas de Vincenzo Bellini — A classe das Artes propôs ocupar-se da publicação em «fac-simile» de algumas obras inéditas de Vincenzo Bellini e confiou tal encargo ao Académico Francesco Cilea que providenciou, com grande competência e diligência, a recolha e disposição do material. A publicação contém as seguintes obras: a «Salve Regina», para cântico e orquestra, a «Sinfonia in Re maggiore

per piccola orchestra», o «*Tecum principium*» para soprano com orquestra, o «*Concerto per oboé con orchestra*» e a «*Sinfonia in Mi bemolle maggiore per orchestra*».

A «*Salvé Regina*» foi escrita em 1818 e parece que à mesma época se deve fazer remonta também a «*Sinfonia in Re maggiore*», inspirada pela música dos maestros de Setecentos.

A outras três composições também pertencem ao período juvenil do grande musicista e foram compostas no Real Colégio de Nápoles.

Além disso, merecem ser recordadas as composições de quem tão benemêritamente se ocupa da Casa Ricordi, e que são: as partituras da «*Sinfonia in do minore*», da «*Sinfonia in Re*» e da «*Sinfonia in Mi bemolle maggiore*».

Os estudos de Guglielmo Marconi — Terminaram-se os trabalhos da Comissão presidida por Francesco Severi, para a publicação dos estudos de Guglielmo Marconi. Os trabalhos do grande sábio serão publicados em quatro línguas: italiana, alemã, francesa e inglesa; o volume em língua italiana, é uma iminente publicação com cerca de 500 páginas.

O Vocabulário de Língua Italiana — Prosseguem activamente os trabalhos de compilação do «*Vocabolario della Lingua Italiana*»,

sob a direcção dos Académicos Giulio Bertoni e Carlo Formichi, Vice-Presidente da Classe de Letras, coadjuvados (sobretudo na parte etimológica) pelo Académico Clemente Merlo. Enquanto se examinam laboriosa e diligentemente as provas do primeiro volume (A. B. C.), já composto e quási todo paginado, começa a surgir com forma definitiva o segundo, cuja impressão terminará provavelmente em 1941.

A obra que constará de 5 volumes com 1.000 páginas cada um, terminará na primeira redacção dentro do espaço prescrito de cinco anos. A revisão e impressão devem requerir dois ou três anos de trabalho.

CONGRESSO COLONIAL

O Congresso do Mundo Português terminou brilhantemente na Sociedade de Geografia de Lisboa onde se efectuou a última das reuniões subordinadas aquêlê título — o Congresso Colonial.

Com a presença do Chefe de Estado, Cardeal Patriarca de Lisboa, ministros, professores catedráticos, autoridades civis e militares, realizou-se a sessão inaugural. S. Ex.^a o Senhor Ministro das Colónias após os discursos do Senhor Azevedo Coutinho, presidente da Sociedade de Geografia e do General Teixeira Botelho que presidiu a êsse congresso, proferiu uma brilhante

oração, onde definiu o que se entendia por colonização portuguesa, dizendo: «Para Portugal, colonizar não consiste na exploração económica, em exclusivo proveito da Metrópole longínqua, dos territórios ultramarinos sobre que se exerça a soberania nacional, nem apenas na exploração comercial dos mercados de além-mar...»

E mais adiante: «É a nossa mentalidade que desejamos transmitir aos povos das colónias, não é a sua riqueza que desejamos extorquir-lhes». Outra afirmação ainda: «Colonizar é, para nós, portugueses, um verdadeiro e contínuo acto de amor».

Muitas foram as teses apresentadas nas sessões que se seguiram à inauguração. Citamos as principais e os seus autores: «O mestiçamento nas colónias portuguesas» pelo Dr. Mendes Correia; «A investigação científica nas colónias portuguesas nos últimos cem anos», «Da emigração portuguesa nos últimos cinquenta anos». «Como se prepara o nosso emigrante para ser um bom colono», pelo Dr. José Gonçalo Santa Rita; «Do regime das construções prediais nas colónias e da propaganda e assistência agronómicas» pelo Dr. Lima Basto; «Estudo histórico do problema da colonização em Angola» pelo Dr. Sebastião Ramires; «Das condições sanitárias para o êxito da colonização portuguesa. Preparação e

assistência» pelo Dr. José Firmiano Santana; «Organismos e fórmulas de coordenação económica imperial» pelo Dr. José de Penha Garcia; «Os transportes marítimos para as colónias e a bandeira nacional. As taxas e fretes na importação e exportação» pelo Dr. Renato Gonçalves Pereira; «O Problema do trabalho indígena em S. Tomé e Angola», etc..

A sessão de encerramento efectuou-se na Escola Superior Colonial com grande lusimento, tendo constituído êste congresso uma verdadeira afirmação científica no campo colonial.

CONFERÊNCIAS DOS «VENCIDOS DA VIDA»

Por iniciativa do jornal «O Século», desde 25 de Janeiro até 12 de Abril, realizou-se no antigo Salão da «Ilustração Portuguesa» uma série de conferências interessantes e documentadas, subordinadas a êste título, onde se estudou a personalidade e a obra dos vultos mentais dessa geração portuguesa.

Assim, o Dr. Vieira de Almeida analisou «O significado estético e histórico da geração de Coimbra»; o Dr. Alvaro da Costa Pimpão, «O nacionalismo na obra de Eça de Queiroz»; Dr. Manuel Paiva Boléo, «O realismo de Eça de Queiroz como expressão artística»; Dr. Manuel Múrias, «A interpretação da História na obra de Oliveira Martins»;

o Dr. Feliciano Ramos, «As tendências morais e sociais de Antero e a influência da sua obra»; Dr. Reinaldo dos Santos, «A Holanda de Ramalho, livro-tipo da narrativa de viagens»; Dr. João de Barros, «Os elementos novos na poesia de Junqueiro»; Dr. Agostinho de Campos, «Instrução e a educação moral e intelectual do País através das «Farpas»»; Dr. Damião Peres, falou da «Transformação política, económica e religiosa da Sociedade portuguesa operada pela geração de 70» e Gustavo de Matos Sequeira dissertou sobre «Fradique Mendes, símbolo dos «Vencidos da Vida».

INSTITUTO DE ESTUDOS ROMANOS

Na cerimónia inaugural do XV Ano Académico dos Cursos Superiores de Estudos Romanos, na augusta presença da Majestade do Rei Imperador, o Presidente do Instituto apresentou, em rápida síntese, a actividade dirigida pela Instituição, nos seus primeiros quinze anos de vida e a ampla obra de reforma por ela levada a efeito no campo dos altos estudos.

Reproduzimos aqui uma parte dessa larga informação:

Em quinze anos, o Instituto de Estudos Romanos, alcançou, com aproveitamento, o seu intento, dando, com a ousada reforma que defendeu, carácter unitário às indagações que se

referiam ao elevado assunto, e criando uma entidade completamente nova, com espírito igualmente unitário, que trabalhe no campo da pura investigação científica, ao mesmo tempo que se mova na esfera de uma metódica organização de todas as empresas que se referem a Roma.

E, enfim, o seu intento foi, também, para não separar mais, como irracionalmente se fazia, a ciência da vida, atender ao desenvolvimento de uma vasta actividade de alta divulgação científica.

Nos primeiros quinze anos — e até desde início — nenhuma das fundamentais empresas, que era necessário empreender para dominar — desde os gânglios aos capilares — todos os sectores do amplo quadrante romano, fôra omitida pela Instituição. Os gânglios do sistema que necessitava, em forma unitária e totalitária e com universalidade de colaboração e vastidão de empresas, dignas do alto assunto, empreender e organizar, podem resumir-se nos seguintes capítulos: a «documentação», que é a base de toda a investigação científica; a história religiosa; a história monumental e municipal da «Urbe» (cidade de Roma); a língua; o direito; a alta divulgação; as publicações; para alargar, enfim, em uma metódica organização de todas as forças científicas que em qualquer parte do mundo se tivessem ocupado de

Roma e da sua civilização. E, de facto, no campo da «documentação» e da bibliografia, é sabido como, com a colaboração de 150 Bibliotecas de cada parte do mundo, o Instituto recolheu já cerca de 900.000 informações, por meio de listas, reunindo assim o mais vasto complexo de documentação que existe acerca de Roma e da sua civilização.

No que diz respeito à história político-militar e social, o Instituto, com a «História de Roma», pretende relevar, através duma obra monumental de 30 volumes, a função mundial, que, desde as origens aos nossos dias, Roma exerceu e exerce, como centro da nossa vida nacional e, ao mesmo tempo, como «Caput Mundi».

No que se refere à história religiosa, temos querido, através de elementares exigências científicas, dar novamente à Roma cristã, o posto que lhe compete, com a realização de 21 estudos sobre «Roma centro di vita missionaria» e 13 estudos acerca da «Romanità dei Santi» e, sobretudo dando vida, com a alta participação de uma «élite» de eminentíssimos Cardiais, àquele ciclo de conferências subordinado ao título «Roma onde Cristo é Romano».

Passando a considerar o que se refere à História Monumental e Municipal da «Urbe», podemos recordar que o Instituto, arrostando com um outro fundamental sector do quadrante

romano, está a publicar, sob os auspícios da E. U. R., uma grandiosa colecção de dez volumes (dos quais quatro estão já preparados pelo Instituto Poligráfico do Estado) para ilustrar a história da «Urbe» sob o aspecto monumental e institucional.

São conhecidas, além disso, as várias iniciativas e as numerosas publicações por nós dedicadas aos problemas urbanos da Roma de Mussolini; e é muito recente a aprovação que o Duce quis dar a uma importante série de volumes que tínhamos intitulado «Collectanea romana» e que publicará as fontes ainda inéditas que se referem à história urbana da Alma Mãe.

No que se refere à língua de Roma, o Instituto tornou-se, de facto, um centro mundial a que já vêm ter, (e continuamente e cada vez mais vem vindo ter), os latinistas de todos os continentes. Dêste modo, ao estalarem as hostilidades, os três quartos dos mais eminentes latinistas de todo o mundo, tinham-se reunido em volta do «Centro internazionale», criado expressamente pelo Instituto.

No fundamental sector do Direito, o Instituto trouxe um contributo certamente não indiferente, organizando o «Primo Congresso Internazionale di Diritto Romano», no qual tomaram parte mais de duzentos estudiosos pertencentes a 14 Nações e publicando, depois, em 4 grandes volumes os «Atti Ufficiali» do

importantíssimo congresso. O Instituto fez-se, além disso, promotor de um renascimento do «estudo do direito comum pontifício».

Bastará recordar a organização dos Cursos Superiores de Estudos Romanos, que, «sub specie romanitatis», constituíram durante quinze anos uma faculdade de que tem participado mais de quinhentos estudiosos de todos os países; ou os «concertos e as audições musicais», destinadas principalmente a aumentar a difusão mundial do canto gregoriano e da polifonia de Palestrina; e lembrar as grandes «Exposições histórico-artísticas» que eficazmente têm contribuído para divulgar, por via científica, o conhecimento de aspectos e traços fundamentais do notabilíssimo vulto de Roma: isto não contando com mais de duzentos congressos para estudos artísticos e visitas feitas aos imorredoiros vestígios que Roma nos deixou.

AS VIAGENS DE PERO DA COVILHÃ

Um interessante artigo de polémica estabelecida entre o Almirante Gago Coutinho e Carlos Coimbra vem publicado no suplemento literário da «Voz», de 7 de Fevereiro último, sobre as viagens dos navegadores do século XV, não só portugueses, como espanhóis e italianos. Alguns aspectos comparativos são focados com um certo interesse.

Assim, diz-nos o articulista: «evidentemente que as medidas indicadas por Toscanelli na sua carta de 25 de Junho de 1474, estavam erradas; a ciência portuguesa sabia já que o perímetro da terra era superior a 6.300 léguas, enquanto que o sábio florentino supunha-o inferior a 5.000. Por consequência, não podia ser verdadeira a afirmação de ser mais fácil o acesso à Índia pelo Ocidente e, após a chegada de B. Dias com a faustosa notícia de se ter dobrado o Cabo das Tormentas e de que a costa corria para o NE, era de maior urgência conhecer-se ao certo da possibilidade de se chegar aos mercados de especiaria por mar, pelo que o rei, dada a rapidez com que era necessário proceder, mandou ansiosamente emissários em busca de notícias de P. da Covilhão».

ARQUEOLOGIA

Em 11 de Fevereiro, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, reuniu-se a Secção de Pré-história onde foram feitas algumas comunicações importantes sob esse aspecto.

O P. Jalhay apresentou alguns objectos pre-históricos que recolhera na freguesia de Roge, concelho de Val de Cambra; M. Vaultier relatou a visita de estudo que fez à estação paleolítica de Linda-a-Pastora, notável pela abundância de material microlítico; o Capitão Afonso do

Paço descreveu as escavações que executou na gruta da «Lapa da Bugalheira» e o Dr. Zbyszewski deu conta das seguintes estações por ele descobertas: Cabeço da Bruza (Alpiarça), Paúl de Magos, Alpiarça, e Moinho de Benavente, achando em todas abundante material de estudo.

*

Na última sessão de estudo do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, o sr. dr. Orlando Ribeiro dissertou acerca do povoamento do território português e das relações entre o povoamento pre e proto-histórico, e distribuição populacional nos princípios da Monarquia. Apreciou a afirmação do ermamento do território no tempo da reconquista, para, à face dos cronistas e da comparação com os factos históricos, se recusar a ter por certo o abandono da terra pelos habitantes, e discutiu as hipóteses até hoje apresentadas da justificação da nossa independência, cingindo-se às provas arqueológicas e geográficas.

Sobre este assunto falou largamente também o sr. prof. Manuel Heleno, que presidia à sessão.

O sr. capitão Jorge Larcher congratulou-se por ter sido destinada à conservação e restauração dos castelos avultada verba e referiu-se com elogio à acção desenvolvida pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

A convite do Centro de Estudos Sociais, o nosso Director, Dr. Gino Saviotti, realizou uma lição sobre «Il pensiero politico di S. Tomaso, Dante e Machiavelli» na sala nobre da Faculdade de Direito, na noite de 7 de Março.

O conferente, que foi apresentado pelo sr. dr. Martins de Carvalho, director do Centro Universitário dos Estudos Sociais, historiou a criação do primeiro centro de estudos jurídicos em Itália, que coincidiu com a fundação da Universidade de Bolonha, em fins de 1158. Referindo-se à projecção da figura de S. Tomaz de Aquino, afirmou que a maior preocupação daquele doutor da Igreja foram os fins religiosos do Estado.

Passou a ocupar-se da personalidade de Dante Alighieri, o qual, embebido do pensamento tomístico, aceita o ideal da monarquia, como a forma normal do governo e propõe a criação da Monarquia Universal, que deveria compreender todos os povos.

Estudou, por fim, a projecção, no mundo, das ideias de Niccolò Machiavelli que fez a distinção da democracia e do absolutismo e, embora não escondesse a sua preferência pelas instituições liberais, pretendia a criação de um forte estado absoluto.

O orador foi muito aplaudido pelo excepcional público com-

posto de professores e de estudantes universitários, e a imprensa citadina referiu-se largamente à manifestação.

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE A ALBÂNIA

A actividade do Centro de Estudos sobre a Albânia, que conta somente um ano de existência, tem-se desenvolvido e desenvolve-se sempre com um ritmo intensíssimo. Têm sido numerosas as iniciativas tomadas pelo Centro, que as continua infatigavelmente, não obstante os vários impedimentos, representados, dum modo particular, pela grande quantidade de assunto, para cuja elaboração será necessário um longo espaço de tempo.

A manifestação principal e mais significativa do Centro, é a publicação da «*Rivista della Albania*», da qual saíram três preciosos fascículos. Sob a direcção de Francesco Ercole, a referida Revista, para a edição da qual houve a intervenção dum acôrdo feliz com o I. S. P. I. de Milão, reúne importantes ensaios científicos sobre todos os problemas respeitantes às condições naturais, à história, aos costumes e problemas económicos da Albânia. Nela colaboram insignes estudiosos e todos os melhores defensores de assuntos albaneses.

Entre as obras que o Centro iniciou, merecem particular men-

ção a compilação, o exame e a publicação das «*Fonti per la storia dell'Albania*», isto é, da série de todos os documentos relativos à história da Albânia do período «precastriotano» até hoje. É fácil entender como semelhante obra requeira um longo e paciente trabalho, na pátria e no estrangeiro, da parte dos estudiosos entendidos na matéria. Foi já traçado o plano orgânico da obra e relativas divisões; brevemente se iniciará a publicação dos documentos contemporâneos, e, a seu tempo, prosseguir-se-á ao confronto e exame dos mais antigos.

Importantíssima também, é a colocação de dados para a preparação do «*Atlante Linguistico Albanese*», que deverão ser procurados em todas as regiões onde se fale a língua albanesa.

Foi já entregue para ser imprimido, um estudo sobre o «*Problema forestale albanese*» do Consul Mario Michelangeli.

Outras publicações estão em preparação ou em vias de serem imprimidas; entre essas será particularmente interessante, o texto italiano de «*Diritto Consuetudinario di Lek Dukagini*», que representa a mais genuína expressão da tradição jurídica albanesa.

CURSOS DE CULTURA COLONIAL

Por meio de um decreto real, fizeram-se algumas alterações

no Estatuto do R. Instituto Universitário Oriental. Estas modificações constituem um verdadeiro melhoramento e confirmam a instituição duma Escola de aperfeiçoamento e de Altos estudos, junto do curso de formação em Ciências Coloniais.

A Escola propõe: a) promover e favorecer os estudos coloniais e a sua difusão, seja para fins de alta cultura, seja para intenções práticas e de propaganda; b) desenvolver e aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos pelos laureados em ciências coloniais e noutras disciplinas.

O curso dessa Escola tem a duração de dois anos; a admissão ao segundo ano é subordinada à frequência do primeiro e à passagem das relativas provas de exame. As matérias de ensino são dez: Geografia física e política do continente africano; Etnografia africana; História e política colonial; Direito administrativo colonial (durante os dois anos); Instituições muçulmanas e etíópicas e costumes indígenas; Direito colonial e processual privado; Direito colonial e processual penal (no 1.º ano); Introdução ao estudo das línguas da África (semestre do 1.º ano); Direito corporativo colonial; Higiene colonial e medicina indígena (semestre do segundo ano).

*

Nas Universidades de Florença e de Nápoles, estão abertas as inscrições para as Escolas de especialização na agricultura tro-

pical e sub-tropical para doutores agrónomos e florestais. Será concedido um diploma de especialização em agricultura tropical e sub-tropical a todos aqueles que obtiverem a aprovação em todos os exames de aproveitamento e exame final.

Distribuir-se-ão por cada uma das duas Universidades, seis bolsas de estudo de Liras 3.000 cada uma, aos jovens possuidores dos requisitos exigidos.

ORDEM SOBERANA DE MALTA

O «Bazar das letras, das ciências e das Artes», suplemento literário do jornal «A Voz», refere-se no seu número de 7 de Fevereiro à ordem de Malta. O relato descreve-nos vários passos interessantes não só da constituição, mas também de personalidades que fizeram ou hoje fazem parte dessa entidade que, através da história, tão relevantes serviços humanitários têm prestado. Diz-nos o articulista: «ainda há pouco, em Dezembro de 1939, o príncipe Grão-Mestre de Malta fundara o grande hospital em Selaclacá, no Tigrá (Abissínia) para leprosos, com cem camas; pavilhão de isolamento, laboratórios científicos e uma colónia agrícola capaz de hospedar dois mil doentes.

É sabido que outros hospitais e ambulatórios são mantidos pela Ordem de Malta, e que durante a Grande Guerra o seu comboio-enfermaria recolheu dos

campos de batalha cento e quarenta e nove mil e novecentos feridos. Neste comboio por vezes prestava serviço com outros cavaleiros de Malta o Senhor D. Miguel de Bragança, pai da Senhora Infanta D. Felipa, (que há pouco esteve no palácio de Queluz) e do Senhor D. Duarte Nuno. Este príncipe é Bailio da Ordem, e também o Sr. Conde das Alcáçovas, sendo actualmente estes os dois Bailios portugueses da Ordem de Malta.

CONCURSO DE LITERATURA JORNALÍSTICA

Reüniram-se, sob a presidência de António Ferro, os júris dos concursos de jornalismo relativos às comemorações centenárias, promovidos pela Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Executiva dos Centenários.

No concurso de reportagens dos números de programa oficial das festas nacionais o júri atribuiu o primeiro prémio, de 2.500 escudos, a Dutra Faria, por «Daqui Guimarães» e «Daqui Évora»; segundo prémio, de 1.500 escudos, a Hugo Rocha, pela reportagem das cerimónias realizadas em Guimarães, e, finalmente, o terceiro prémio de 1.000 escudos a Luiz Forjaz Triqueiros, por «Adeus à Exposição».

No concurso de artigos publicados em jornais e revistas portuguesas, os prémios foram assim distribuídos: primeiro, de

2.000 escudos, ao P. J. E. Rodrigues, pelo artigo «Os centenários deste ano»; segundo, a Moreira de Andrade, pelo artigo «Sobre as comemorações centenárias».

No concurso de trabalhos publicados na Imprensa estrangeira, e ao qual concorreram escritores de várias nacionalidades, os prémios foram atribuídos da seguinte forma: primeiro, de 3.000 escudos, a Leo Maggino, por «Otto secoli di storia dell'Impero Portoghese»; segundo, de 2.000 escudos, ao Marquês de Quintanar, por «Passion y saudade de Portugal», e o terceiro, de 1.000 escudos, a Jesus Suevos, por «Letra del maravilloso país que descubrió tierras y mares y que las Historias llaman Portugal».

ACTIVIDADE DO INSTITUTO

(Cursos de língua e conferências)

Os cursos de língua italiana promovidos pelo nosso Instituto na sede central de Lisboa e nas secções de Coimbra e Porto, iniciaram-se em Novembro passado com uma excepcional afluência de alunos. Além destes, funcionam outros cursos particulares de língua italiana nos liceus masculinos e femininos das três cidades, e na Faculdade de Letras, no Instituto Superior Técnico e no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa. São também muito frequentadas as «conversações culturais», compreendendo as se-

guintes matérias: história da literatura italiana — história do pensamento político italiano — história da ciência italiana — história da arte e da música. Estas lições são confiadas aos professores: em Lisboa, Saviotti, Manuppella, Rossi, Scaravelli e Rimassa; no Porto, Di Poppa e Panarese.

As manifestações extraordinárias do Instituto iniciaram-se em 23 de Janeiro com a inauguração oficial do ano académico. O senador Prof. Giuseppe Cardinali, vice-reitor da Universidade de Roma, falou sobre «Iberia Romana», na presença do R. Ministro de Itália, do Reitor da Universidade, dr. Caeiro da Mata, do Presidente da Faculdade de Letras, dr. Oliveira Guimarães, do Presidente do Instituto Alta Cultura, dr. Celestino da Costa e de um selecto e numeroso público de docentes e estudantes. Nos dias seguintes, o prof. Cardinali, depois de ter repetido a mesma conferência em Coimbra, na Faculdade de Letras, fez uma importante lição na Academia das Ciências de Lisboa, sobre o tema «Elementi romani ed elementi derivati nella organizzazione politica romana», a que assistiu o Presidente desta Academia, o R. Ministro de Itália e um numeroso público exclusivamente composto de académicos e de personalidades da cultura. Na sua interessante comunicação, o orador disse que um dos problemas, que estão no

primeiro plano das actuais investigações históricas, é distinguir o que Roma deu à Itália e ao Mundo, e o que ela assimilou das preexistentes civilizações. Tinha, porém, de limitar o assunto a uma análise dos elementos originais romanos e daqueles derivados, no âmbito de alguns aspectos da constituição política e da organização territorial dos romanos. Demonstrou, depois, que o sistema com que Roma estabeleceu o seu primato na Itália deu origem, principalmente, a que se realizasse a unificação política do país e, depois, a criação de um sentimento nacional verdadeiramente italiano.

Em seguida, descreveu os problemas entre as leis romanas e as dos estudos helenistas e analisou a influência exercida por eles na política romana e no sistema das organizações territoriais do reino de Pérgamo. Para isso baseou-se nas distinções entre cidades súditas e cidades livres e recordou a constituição do principado de Augusto e a de Pérgamo e afirmou que, quaisquer que tenham sido as influências estrangeiras, a grandeza do génio político de Roma refulge intacta na sabedoria com que, devido ao jogo alterno de criação e de assimilação, os romanos alcançaram aquela sistematização universal do Mundo, à qual não se avizinhavam nem Alexandre Magno, nem os estados helenistas — aquela sistematização pela qual Roma assume a

figura de pátria comum de todas as gentes.

O conferente foi muito aplaudido no final do seu trabalho, que o Sr. Dr. Júlio Dantas enalteceu, pondo em relevo o princípio «da cedência de cidadão romano aos vencidos», lei com que Roma estendia à civilização estimulando os povos no sentido da colaboração.

Despertou também muito interesse, o ciclo de conferências de arte efectuadas pelo prof. Armando Vené, Superintendente dos Monumentos de Emilia, vindo a Portugal a convite do nosso Instituto. Em Lisboa, no Museu de Arte Antiga, em 27 de Janeiro, falou sobre «Raffaello» e no dia seguinte, sobre «I restauri della Reggia dei Gonzaga in Mantova». Tanto à primeira como à segunda lição participou um numeroso público e muitas autoridades civis e académicas, entre as quais o Dr. J. de Almeida, Chefe de Gabinete do Ministro da Educação Nacional, representado o Ministro, o Encarregado dos Negócios da R. Legação de Itália, o Presidente da Academia de Belas Artes, o Director do Museu de Arte Contemporânea, etc.. Interessantíssima a lição, dedicada aos especialistas e críticos de arte, realizada alguns dias antes na nossa sede, sobre «Concetti e tecnica del restauro dell'opera monumentale in Italia».

No Porto, o prof. Vené, versando o tema «Michelangelo»,

prende a atenção do público, no qual se notavam o Reitor da Universidade, dr. Pereira Salgado, vários Directores das Faculdades e os representantes do Governo Civil, etc., e em Coimbra, na Faculdade de Letras, falou sobre «Leonardo da Vinci» pelo que foi muito aplaudido.

Em 23 de Março, o Presidente da Câmara Municipal do Porto, dr. Mendes Correia, sábio de fama internacional, efectuou em Lisboa, na nossa sede, uma viva e original lição sobre «Os estudos antropológicos em Itália» tratando o tema com rara e segura competência, na presença do Ministro de Itália, do Reitor da Universidade Técnica, docentes universitários, médicos, etc. O presidente do Instituto para Alta Cultura, no início da cerimónia, dirigiu uma saudação particularmente cordial à iniciativa do nosso Instituto e, em seguida, elogiou vivamente a obra científica do conferente, dizendo enfim sentir-se satisfeitiíssimo por encontrar na manifestação um novo testemunho do espírito de colaboração cultural italo-lusitana.

«GRUPO DOS AMIGOS DA CULTURA ITALIANA»

Por iniciativa de alguns antigos e actuais alunos do nosso Instituto, fundou-se o «Grupo dos Amigos da Cultura Italiana», destinado a divulgar o pensamento e a arte moderna italia-

na. A frente do grupo, por vontade unânime dos iniciadores, colocou-se Oliva Guerra, ilustre escritora portuguesa, com o fim de organizar as sessões de cultura, a primeira das quais se efectuou em Fevereiro e onde colaboraram: Maestro Viana da Mota, Leonor Viana da Mota, Manuela Porto, Paulo Manso e Oliva Guerra, que fez a conferência inaugural comunicando as finalidades e propósitos do grupo.

Nesta sessão de arte foram dadas ao público português, músicas de Cláudio Monteverde, Benedetto Marcello, Francesco Durante, Alfano Clausetti, Pizzetti, Santoliquido, a sonata em Mi menor (op. 36 A) de I. Benvenuto Busoni e poemas de Lionello Fiumi e Aldo Capasso, traduzidos por Adolfo Casais Monteiro.

O segundo sarau efectuou-se em Março, colaborando nele o Prof. Luiz de Freitas Branco, com uma conferência sobre a grandeza da música italiana. Stella Tavares cantou obras de Scarlatti, O. Respighi, M. Davico e Santoliquido; Alice Oeiras recitou, em versão portuguesa de Oliva Guerra, versos de Carducci, Ungaretti e Sibilla Aleramo; Madalena e Helena de Moreira de Sá e Costa, a primeira em violoncelo e a segunda em piano, fizeram-se ouvir em peças de Nardini, Rossellini, Boccherini, Scarlatti e Casella.

A terceira sessão cultural, que foi deveras brilhante, realizou-se na Casa de Itália, em 25 de Abril.

Numa descrição evocadora da sua passagem na famosa capital da Toscana, D. Oliva Guerra falou longamente da arte, da paisagem, dos jardins maravilhosos que esmaltam a pátria do Dante. E seguiu-se a passagem do filme «Primavera fiorentina», que deliciou o público numeroso e seleccionado.

Na segunda parte do sarau, o prof. dr. Celestino da Costa, presidente do Instituto para a Alta Cultura, produziu, sob o título «O que a ciência deve à Itália», uma admirável série de considerações científicas, literárias e espirituais de um relevo verdadeiramente invulgar. Começou por lembrar a frase de Pasteur: «A ciência não tem pátria, mas os homens de ciência têm-na». Depois evocou as condições em que, durante muitos séculos, se produziram na Itália as primeiras manifestações intelectuais — o país retalhado, as populações oprimidas, etc.

A nação italiana vivia, então, só pelo seu génio — multiplicava as universidades, apaixonava-se pelo estudo, cultivava a beleza. As suas várias côrtes eram brilhantes; a arte florescia nelas. O helenismo e o cristianismo enlaçavam-se, frutificavam em obras-primas: o resto da Europa mal podia imitá-las. E já nesses tempos distantes floresciam na Itália os primeiros sábios da Europa. E, citando nomes, fixando datas, o sr. prof. Celestino da Costa prova que os italianos fo-

ram os precursores em todos os ramos das ciências médicas — na anatomia, na fisiologia, na circulação sanguínea e na teoria celular. E foram os precursores na electricidade, com Volta e Galvani, antes do genial Marconi.

Depois da unificação, o génio italiano atingiu o seu auge, pompeou nos mais fecundos horizontes. E terminou a conferência com algumas expressões muito felizes e elegantes. «Do fundo dos séculos à actualidade, a Itália ilustrou todos os ramos do saber humano. E foi sempre pobre. Nunca os seus sábios enriqueceram. Mas, trabalhando na pobreza, foram geniais».

A esta exposição — que foi aplaudidíssima — seguiram-se alguns trechos muito aplaudidos, de ópera italiana, pelo tenor Lomelino Silva; a recitação da «Fontana Malata» pela actriz Maria Clementina; e a «Sonata», de Scarlatti, pela professora do Conservatório, sr.^a D. Isabel Manso, que nos deu ainda, magistralmente, a «Burlesca» de Sonzogno, completamente desconhecida em Portugal; e «Dois Filme Studios», de Castelnuovo Tedesco que mereceram prolongados aplausos.

A todas as manifestações esteve presente um numerosíssimo público, que unânimemente seguiu com viva simpatia o decorrer dos programas. Entre as personalidades particularmente notadas, destacamos: o Sr. Mi-

nistro de Itália, o Dr. Celestino da Costa, presidente do Instituto para Alta Cultura, o Dr. Azevedo Neves, Reitor da Universidade Técnica de Lisboa, o ex-ministro Dr. José A. Eusébio, o Dr. Marcello Caetano, o gen. Vietra da Rocha e outras individualidades.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

★ Por iniciativa do nosso Instituto e da Comissão local da «Dante Alighieri», realizou-se, na noite de 1 de Fevereiro, no Salão da Faculdade de Ciências do Porto, um serdó verdiano sob a presidência do dr. Oliveira Lima, Vice-Reitor da Universidade.

Assistiu um numeroso público e foram dados vivíssimos aplausos a cada um dos trechos do programa, que compreendia selecções das óperas «Trovatore», «Aida» e «Otello».

A conferência comemorativa do grande Verdi foi feita pela senhora D. Maria Adelaide de Freitas Gonçalves, Directora do Conservatório de Música.

★ A Emissora Nacional organizou, na noite de 6 de Março, uma comemoração verdiana que teve um êxito brilhante.

O Prof. Luiz de Freitas Branco fez ao microfone uma breve, mas clara e interessante, palestra sobre a obra do Grande Maestro, e o nosso Director reci-

tou, primorosamente, a «Ode a Verdi» de D'Annunzio. Depois, o Maestro Pedro de Freitas Branco dirigiu, com a habitual segurança, a Orquestra Sinfónica Nacional, a qual executou cuidadosamente o seguinte programa: Abertura da ópera «La Forza del Destino», Bailados da ópera «Otello» (1.^a audição), Prelúdio do 3.^o acto da «Traviata», «Monólogo de Carlos V» e Cena final do 3.^o acto da ópera «Hernani», pelo cantor Edgard Duarte de Almeida e coros da Emissora Nacional.

★ Em Maio, o Secretariado da Propaganda Nacional, organizou, no Salão da sua sede, a 1.^a Exposição de Arte Cenográfica, que constituiu uma brilhante revelação de quanto se tem feito em Portugal, no campo da cenografia.

Entre muitos, notavam-se alguns trabalhos de artistas italianos: um belo desenho de Bibiena, todo graça e finura; e dois pequenos mas óptimos trabalhos de Cinatti. O grande Mancini estava também dignamente representado por alguns esboços, mencionados pelo crítico do «Diário da Manhã», nos seguintes termos: «...salientamos o cenário da ópera «Irene» recanto de um templo cheio de religiosidade, em que a luz frouxa e as sombras azuladas põem uma nota de grave mistério, e o da ópera «D. Branca», de silhares de

azulejos e arcos de ferradura rendilhados e sangrentos, conjunto soberbo que, na riqueza das tintas e no luxo pesado e voluptuoso, evoca, a nossos olhos, o esplendor do Oriente».

★ Na noite de 28 de Maio, no Teatro da Trindade, a companhia Alves da Cunha representou pela primeira vez em Portugal a comédia de Pirandello «Tutto per bene» traduzida por Maria Matos com o título «O preço da verdade». Se a óptima e fiel versão auxiliou indubitavelmente o trabalho dos artistas, também é certo que estes últimos igualmente desempenharam os seus papéis com paizdo e entusiasmo. O grande Alves da Cunha alcançou uma merecida vitória posta em relevo por toda a Imprensa. Entre outras referências, podemos citar a que Jorge de Faria escreveu no «Diário da Manhã»: «Anteontem o prodigioso actor deu-me, como eu nunca sentira através da leitura e da representação, a essência do drama pirandelliano, na sua mais alta expressão». Óptimos colaboradores encontrou ele em Madalena Souto (Palma Lori), a juvenil e promettedora actriz, em Manuel Correia, em Emília Oliveira, em Juvelina Pinto e nos restantes». Não será inútil recordar que Alves da Cunha foi o primeiro a introduzir Pirandello em Portugal, recitando em 1925 o drama «Enrico IV».

ESTUDO DO PORTUGUÊS NAS UNIVERSIDADES ITALIANAS

Em Itália os doutores da literatura neo-latina ocupam-se já frequentemente do desenvolvimento de temas e argumentos de literatura portuguesa antiga. Além disto, instituíram-se dois leitores de português junto das Reais Universidades de Roma e Nápoles, funções que, actualmente, são desempenhados pelo dr. Gomes Branco, classicista português.

O êxito desta iniciativa, por certo, ainda levará outras Universidades nossas a seguir este exemplo da instituição de leitores.

UMA MISSÃO CIENTÍFICA

O Prof. Telesforo Bonadonna, Director do Instituto Experimental Italiano para a fecundação artificial «Lazzaro Spallanzani», em Milão, a convite da Universidade de Lisboa, realizou uma missão científica em Portugal, onde fez algumas lições.

No dia 4 de Abril, o Prof. Bonadonna, realizou uma conferência sobre a fecundação artificial, precedida dos discursos do director da Escola de Medicina Veterinária e do Prof. Neves e Castro que em Portugal se ocupa do método com grande competência. Assistiram a esta palestra o Sr. Ministro de

Itália, Ecc. Bova Scoppa, o Director do Instituto de Cultura Italiana, o Sub-Secretário da Educação Nacional, o Corpo Académico da Universidade e da Escola de Medicina Veterinária de Lisboa, o Director dos Serviços Pecuários e numerosíssimos veterinários.

O Prof. Bonadonna, durante a sua permanência em Portugal, foi alvo de manifestações de viva estima e de alta consideração: A Direcção Geral dos Serviços Pecuários, cujo Director, dr. Fontes Pereira de Melo, foi aluno da Faculdade de Veterinária de Milão, organizou em sua honra um vasto programa de visitas a todo o País.

† LEITE DE VASCONCELOS

Morreu em 17 de Maio, com oitenta e três anos de idade, o eminente filólogo e etnógrafo Leite de Vasconcelos, cujo nome fica indissolubelmente ligado à ciência portuguesa e até, por muitos lados, à europeia.

Em Itália a sua obra era seguida com interesse e simpatia pelos estudiosos. Em 1912 assistiu ao Congresso Arqueológico de Roma, onde também foi eleito presidente da 1.ª secção (Arqueologia Prehistórica), e leu aí uma memória. Foi ainda sócio honorário da Real Academia Peloritana (Messina).

O desaparecimento deste illustre e venerando homem é um luto não só para Portugal mas



*All' Instituto di Cultura Italiana di Lisbona
che nella Patria dei grandi esploratori mantiene
vivo e ardente l'amore per Roma eterna*

Luglio 1941 - XIX

Bova Scoppa

para todos os que viam nêlo um artifice do estudo da latinidade.

O sr. dr. Júlio Dantas, illustre presidente da Academia das Ciências de Lisboa, recebeu do presidente da Real Academia de Itália, sr. Luigi Federzoni, o seguinte telegrama:

«A Real Academia de Itália, interpretando o sentimento de todos os estudiosos italianos, toma vivíssima parte no luto dessa Insigne Academia e da Nação Portuguesa pela perda do notável académico José Leite de Vasconcelos, lustre e orgulho da nobre terra em que nasceu. Procurando os vestígios da Romanidade que ilustram as origens gloriosas do nobre povo lusitano, o sábio português projectou nova luz de nobreza e de glória na ultramilenária civilização mediterrânea. As condolências da Real Academia de Itália junto a expressão pessoal do meu pesar.

— (a) Luigi Federzoni».

EX.^a BOVA SCOPPA

Realizou-se no dia 4 de Julho, no nosso Instituto, uma recepção de homenagem ao Sr. Ministro de Itália — e a sua Espôsa — que partiu para Bucarest, afim de desempenhar a nova missão diplomática.

Compareceram a esta recepção algumas figuras de relêvo do meio social e intelectual de Lisboa, como os Srs. Governador Militar de Lisboa, Dr. Caetano da

Mata, Dr. Cordeiro Ramos, Prof. Marcelo Caetano, Embaixador Arenas de Lima e Espôsa, General Peixoto e Cunha, Condessa de Gonçalves Pereira, Condessa de Portugal de Faria, actor Alves da Cunha, etc..

A festa, que decorreu com grande animação e entre constantes manifestações de simpatia luso-italiana, assistiram também muito alunos portugueses e a colónia italiana.

O nosso Director tomou a palavra dirigindo uma brilhante e afectuosa saudação ao Sr. Ministro, cuja obra de aproximação entre Portugal e Itália muito elogiou.

Seguidamente, S. Ex.^a Bova Scoppa pôs em relêvo o intenso trabalho intelectual do Instituto, dizendo que a sua vasta obra é de alcance absolutamente espiritual, como espiritual é a base em que assenta a civilização do Império Portuguez.

Fechou a cerimónia, uma saudação afectuosa pronunciada pela Sr.^a D. Oliva Guerra, em nome dos alunos do Instituto, e seguida de entusiásticos vivas a Itália e Portugal.

EX.^a FRANCESCO FRANSONI

Para substituir o Ministro Bova Scoppa, chegou a Lisboa no dia 21 de Junho o Gr. Uff. Francesco Frasoni, que já tomou posse do seu alto cargo. O illustre diplomata, que possui uma brilhante carreira alcançada em

importantes sedes no estrangeiro, assistiu, no dia 30 de Junho, à cerimónia de encerramento do ano académico do nosso Instituto e distribuição de prémios aos melhores alunos dos cursos de língua.

A brilhante cerimónia, que decorreu num ambiente de grande simpatia e cordialidade italo-portuguesa, participaram o Subsecretário de Estado da Educação Nacional e ilustres homens da cultura portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

«Relazioni Storiche fra l'Italia e il Portogallo» — Reale Accademia d'Italia, 1940 — XVIII — 558 págs.

SILVIO PELLEGRINI — «Repertorio Bibliografico della Prima Lirica Portoghese» — Sociedade Tipografica «Modenese» — Módena, 1939 — XVIII E. F. — 84 págs.

O volume de ensaios sobre «as relações históricas entre a Itália e Portugal», publicado em meados do ano transacto pela Real Academia de Itália, obteve largo eco, que mais aumentará ainda com o decorrer do tempo.

Torna-se, de resto, agradável que as manifestações de amizade entre estas duas nações se concretizem em expressões de cultura que, não obstante revestindo, por exigências contingentes, carácter de transitoriedade, servem, contudo, para iluminar situações espirituais, devendo atear o desejo de aprofundar e tornar mais viva esta intimidade.

A obra, como se depreende do próprio título, teve por objectivo o horizonte histórico, existindo,

no entanto, como pressuposto e complemento a esta, outros artigos tanto em literatura como em arte, filosofia, geografia e sociologia.

O panorama é, assim, ampliado e aprofundado.

Os estudos históricos abrem-se com um artigo de Rellini, sobre o argumento: «La penisola appenninica e la penisola iberolusitana nei rapporti preistorici», para continuar com outro subsídio de Paribeni «Roma e la Lusitania».

O Padre A. Ferrua, um dos nossos mais diligentes e célebres epigrafistas, dá-nos conhecimento da conquista cristã da Lusitânia.

Segue-se o perfil de Mafalda de Saboia, primeira rainha de Portugal, da autoria de Francesco Ercole e ainda o do Papa Giovanni XXI, o dantesco Pietro Ispano «lo qual già luce in dodici libelli», que, depois de ter conquistado fama como médico e filósofo, rege a Cátedra de S. Pedro desde Setembro de 1276 a Maio do ano seguinte, obra de Vito Vitale.

A história eclesiástica, pertencem também, além deste último